

Festival das Juventudes: Inter(in)venções psicossociais com juventudes no Grande Bom Jardim

Youth Festival: Psychosocial inter(in)ventions with youth in Grande Bom Jardim

Festival de la Juventud: Inter(in)venciones psicossociales con jóvenes en el Grande Bom Jardim

Festival de la Jeunesse : Interactions psychosociales avec les jeunes du Grande Bom Jardim

 10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e15096

Carla Jéssica de Araújo Gomes  

Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

João Paulo Pereira Barros  

Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESESUF) e do coletivo Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências.

Mayara Ruth Nishiyama Soares  

Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Levi de Freitas Costa Araújo  

Graduando em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Raimundo Cirilo de Sousa Neto  

Mestrando em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Luciana Lobo Miranda  

Professora Titular do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Coordenadora do Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS) e do coletivo Artes Insurgentes: Coletivizando Resistências.

Resumo

O presente artigo objetiva analisar como uma intervenção psicossocial, intitulada *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos*, possibilita a problematização de experiências e trajetórias juvenis em contextos marcados por processos de vulnerabilização social em periferias da cidade de Fortaleza – CE. A investigação parte de referenciais da Psicologia Social em suas discussões sobre juventudes, violências e territorialidades. A partir do método da pesquisa inter(in)venção no território do Grande Bom Jardim, a pesquisa se operacionalizou por meio da colaboração na organização do festival e do acompanhamento de sua execução. Com base nos eixos temáticos da referida intervenção (*ser jovem, ser livre, ser das áreas e ser agente de paz*), elaborados pelas próprias juventudes do território, os resultados do artigo apontam como essa intervenção se constitui como um espaço para a fabulação, por meio de dispositivos artísticos, de insurgências ético-estético-políticas no plano dos modos de subjetivação de juventudes periféricas, realçando não só as violências existentes em seus territórios, mas também suas potências de reinvenção da vida em contextos de vulnerabilização social. Os resultados indicam também como tal intervenção psicossocial proporciona encontros colaborativos entre coletivos juvenis, comunidades escolares e a universidade, a partir da afirmação da potência das periferias urbanas, da multiplicidade de suas juventudes e das interseccionalidades que as constituem, bem como de perspectivas de paz e liberdade assentadas em projetos coletivos de justiça social e defesa de diversidade. Conclui-se, assim, que o Festival das Juventudes agencia importantes práticas de re-existência frente a processos de vulnerabilização social.

Palavras-chave: intervenção psicossocial, juventudes, resistência, direitos humanos.

Abstract

The aim of this article is to analyze how a psychosocial intervention, entitled Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos, makes it possible to problematize youth experiences and trajectories in contexts marked by processes of social vulnerability in the outskirts of the city of Fortaleza-CE. The research is based on references from Social Psychology in its discussions on youth, violence and territoriality. Based on the research-intervention method in the Grande Bom Jardim territory, the research was carried out by collaborating in the organization of the Festival and monitoring its execution. Based on the thematic axes of the intervention (being young, being free, being from the areas and being an agent of peace), drawn up by the young people of the area themselves, the results of the article show how this intervention constitutes a space for fabrication, through artistic devices, of ethical-aesthetic-political insurgencies in the modes of subjectivation of peripheralized youths, highlighting not only the violence that exists in their territories, but also their potential for reinventing life in contexts of social vulnerability. The results also indicate how this psychosocial intervention provides collaborative encounters between youth collectives, school communities and the university, based on the affirmation of the power of the urban peripheries, the multiplicity of their youth and the intersectionalities that constitute them, as well as perspectives of peace and freedom based on collective projects of social justice and defense of diversity. The conclusion is that the Festival das Juventudes provides important practices of re-existence in the face of processes of social vulberabilization.

Keywords: psychosocial intervention, youth, resistance, human rights.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar cómo una intervención psicosocial, denominada Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos, permite problematizar experiencias y trayectorias juveniles en contextos marcados por procesos de vulnerabilidad social en la periferia de la ciudad de Fortaleza-CE. La investigación se basa en referencias de la Psicología Social en sus discusiones sobre juventud, violencia y territorialidad. Utilizando el método de investigación-inter(in)vencción en el territorio de Grande Bom Jardim, la investigación se realizó colaborando en la organización del Festival y acompañando su ejecución. A partir de los ejes temáticos de la intervención (ser joven, ser libre, ser de las zonas y ser agente de paz), elaborados por los propios jóvenes de la zona, los resultados del artículo muestran cómo esta intervención constituye un espacio de fabricación a través de dispositivos artísticos, de insurgencias ético-estético-políticas en los modos de subjetivación de los jóvenes periféricos, evidenciando no sólo la violencia existente en sus territorios, sino también su potencial para reinventar la vida en contextos de vulnerabilidad social. Los resultados también muestran cómo esta intervención psicosocial proporciona encuentros colaborativos entre colectivos juveniles, comunidades escolares y la universidad, basados en la afirmación del poder de las periferias urbanas, la multiplicidad de sus juventudes y las interseccionalidades que las constituyen, así como perspectivas de paz y libertad basadas en proyectos colectivos de justicia social y defensa de la diversidad. La conclusión es que el Festival das Juventudes proporciona importantes prácticas de re-existencia frente a los procesos de vulberabilización social.

Palabras clave: intervención psicosocial, juventudes, resistencia, derechos humanos.

Résumé

L'objectif de cet article est d'analyser comment une intervention psychosociale, intitulée Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos, permet de problématiser les expériences et les trajectoires des jeunes dans des contextes marqués par des processus de vulnérabilité sociale dans la périphérie de la ville de Fortaleza-CE. La recherche est basée sur des références de la psychologie sociale dans ses discussions sur les jeunes, la violence et la territorialité. En utilisant la méthode de recherche-inter(in)vention dans le territoire de Grande Bom Jardim, la recherche a été réalisée en collaborant à l'organisation du Festival et en surveillant son exécution. Basés sur les axes thématiques de l'intervention (être jeune, être libre, être des zones et être un agent de paix), élaborés par les jeunes de la zone eux-mêmes, les résultats de l'article montrent comment cette intervention constitue un espace de fabrication, à travers des dispositifs artistiques, des insurrections éthico-esthétique-politiques dans les modes de subjectivation des jeunes périphérisés, mettant en évidence non seulement la violence qui existe dans leurs territoires, mais aussi leur potentiel de réinvention de la vie dans des contextes de vulnérabilité sociale. Les résultats montrent également comment cette intervention psychosociale permet des rencontres collaboratives entre les collectifs de jeunes, les communautés scolaires et l'université, sur la base de l'affirmation du pouvoir des périphéries urbaines, de la multiplicité de leurs jeunes et des intersectionnalités qui les constituent, ainsi que des perspectives de paix et de liberté basées sur des projets collectifs de justice sociale et de défense de la diversité. La conclusion est que le Festival das Juventudes offre d'importantes pratiques de ré-existence face aux processus de vulberabilisation sociale.

Mots-clés : intervention psychosociale, jeunesses, résistance, droits humains.

Este artigo objetiva analisar como uma intervenção psicossocial, intitulada *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos*, possibilita a problematização de experiências e trajetórias juvenis em contextos marcados por processos de vulnerabilização social em periferias da cidade de Fortaleza – CE. Para contemplar esse objetivo, será analisado como as juventudes que participam dessa intervenção narram e elaboram psicossocialmente suas experiências e trajetórias a partir dos quatro eixos temáticos que estruturam os encontros do festival, quais sejam: *ser jovem, ser livre, ser das áreas e ser agente de paz*.

Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa de mestrado, intitulada *É uma forma de contar que a gente existe: arte e re-existência no Festival das Juventudes do Grande Bom Jardim*, ligada ao projeto Artes Insurgentes, proposta pelo Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES) e ao Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS), ambos pertencentes à Universidade Federal do Ceará (UFC), e compõe a pesquisa guarda-chuva *Aspectos Psicossociais da Violência e Práticas de Re-Existência Juvenis em Periferias de Fortaleza – CE*. O projeto Artes Insurgentes tem atuado desde 2021 com coletivos juvenis em escolas públicas da região do Grande Bom Jardim (GBJ) e tem buscado, entre suas diferentes ações, produzir e fortalecer ações artístico-político-culturais elaboradas por juventudes do/no território, como o Festival das Juventudes.

A investigação se ancorou no campo da Psicologia Social em seus estudos sobre juventudes, violências, territorialidades, arte e resistências, a partir de perspectivas epistemológicas que promovem tensões às formas de dominação contemporâneas, à atualização das tramas coloniais e aos seus efeitos psicossociais, sobretudo na vida de juventudes às margens urbanas. No que diz respeito ao contexto, o GBJ, território onde acontece o festival, aglutina cinco bairros localizados na periferia sudoeste da capital cearense: Siqueira, Bom Jardim, Granja Lisboa, Granja Portugal e Canindezinho. Como território periférico, o cotidiano local é marcado pelos tensionamentos que evidenciam uma rede de embates entre diferentes processos necropolíticos (Mbembe, 2018), bem como múltiplas resistências e produções criativas de vida protagonizadas por suas populações, em especial suas juventudes.

No geral, os cinco bairros apresentam índices alarmantes no que concerne à garantia de direitos à sua população, com baixos indicadores de desenvolvimento humano. Por exemplo, entre os 121 bairros de Fortaleza, os bairros Bom Jardim, Canindezinho, Siqueira, Granja Portugal e Granja Lisboa ocupam, respectivamente, a 102ª, 115ª, 113ª, 103ª e 110ª posição no *ranking* referente ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos bairros da capital (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará [IPECE], 2021). Além disso, entre os anos de 2021 e 2022 (IPECE, 2021), a média do IDH de todos os bairros que compõem o território foi de 0,1680, o que é considerada baixa pelas normativas internacionais (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2023).

São, portanto, bairros afetados por níveis significativos de desassistência e precariedade social (IPECE, 2021). O território também apresenta taxas elevadas de homicídios, que vitimizam, sobretudo, as juventudes locais (IPECE, 2020), afetadas pelas dinâmicas de extermínio oriundas dos conflitos dos grupos armados que disputam o mercado ilegal de entorpecentes e da violência policial. Para além dos processos de vulnerabilização aos quais estão submetidos, o território e seus habitantes também lidam com processos simbólicos de marginalização, tendo em vista que, neles, são inscritos estigmas e estereótipos com teor pejorativo, que marcam essas localidades como perigosas, abjetas, para as regiões centrais, como *territórios vixe* (Bezerra, 2015).

Desse modo, antes de se tomar como natural a condição subalternizada do GBJ, objetiva-se discutir a periferação como um processo produzido, engendrado, em relação à uma centralidade colonialmente estabelecida, em que são demarcadas as fronteiras nas quais são inseridas determinadas populações, principalmente negras e indígenas. De forma semelhante, são delimitados, a partir dessa relação centro-periferia, os marcadores de inteligibilidade e humanidade, que são negados a essas populações e às suas manifestações culturais e artísticas.

Ao passo que o GBJ é um território marcado por vulnerabilidades, é também um território que possui diversos equipamentos culturais e organizações sociais, como Centro Cultural do Grande Bom Jardim (CCBJ), Centro Cultural do Canindezinho (CCC), Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMBJ), Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado (DLIS), Fórum de Escolas pela Paz do Grande Bom Jardim, cozinhas e bibliotecas comunitárias. Além disso, é palco e moradia para diversos artistas, coletivos juvenis e dispositivos artístico-políticos, como o *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos*.

Desse modo, apesar de imersas em uma realidade complexa e carregada de estigmas sociais, as juventudes que ali habitam têm construído alianças com diferentes instituições e moradores de outras periferias da cidade, com o intuito de se reinventarem e de ressignificarem os modos de vida nas margens urbanas, possibilitando a criação de novos territórios existenciais (Guattari, 2006; Hüning & Gomes, 2019). Com isso, os coletivos juvenis assumem uma importante militância como expressão e memória de movimentos sociais na periferia e, assim, criam produtos estéticos e políticos de resistência no território. A formação dos coletivos de jovens é, portanto, uma forma de visibilizar aqueles que seriam os subalternos na lógica colonialista, rompendo o silêncio e introduzindo possibilidades de uma fala, de uma crítica, sobre as violências da colonização em relação às juventudes das margens urbanas (Silva et al., 2023).

Uma das intervenções psicossociais que tem se destacado no território do GBJ é o *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos*, que reúne, desde 2018, coletivos juvenis, articuladores sociais, artistas, universidade, militantes, professores, gestores e estudantes de escolas públicas de Ensino Médio do GBJ para criar e realizar uma programação que articula arte, direitos humanos e re-existências juvenis (Miranda et al., 2021; Barros et al., 2023). Essa iniciativa formativo-cultural foi pensada pelo coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), que, desde 2009, promove ações voltadas à luta por direitos humanos, à cultura de paz e à implementação/manutenção de políticas públicas direcionadas às juventudes do GBJ. O JAP é fruto do eixo juventude do Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), Organização Não Governamental (ONG) da comunidade, atuante na promoção de ações de garantia de direitos e na construção de realidades possíveis no território.

O objetivo central do festival é construir espaços de discussão e troca a respeito de temas que são importantes para as juventudes participantes, tendo como horizonte, nesse movimento, a tentativa de fugir de lógicas que visem à “transmissão de conhecimento” e foquem na construção conjunta de saberes, bem como na produção de espaços seguros para expressão desses jovens. Durante a programação do Festival das Juventudes, são exploradas temáticas como racismo, LGBTQIAPN+fobia¹, feminismos, cultura de paz, liberdade, violências, território, arte, direitos humanos, a fim de se promover a construção de espaços de diálogo e a reflexão acerca das vivências e dos interesses dessas juventudes.

O festival ocorre anualmente entre os meses de maio e junho e se divide em quatro encontros quinzenais, aos sábados, nos turnos manhã e tarde, propondo espaços formativos e oficinas culturais, tendo a arte como ferramenta aliada nesse processo. Até o momento, cinco edições do evento já foram realizadas desde 2018. Neste estudo, centralizamos a experiência nas duas últimas edições, respectivamente, a de 2022 e a de 2023. O Festival das Juventudes é organizado a partir de quatro eixos temáticos definidos por jovens do próprio território, que fazem parte da comissão organizadora do evento, a saber: 1) ser jovem; 2) ser jovem agente de paz; 3) ser livre; 4) ser das áreas. Esses eixos funcionam como *guarda-chuvas* e diretrizes formadoras que ancoram o festival, compreendido como intervenção psicossocial, na montagem da programação de cada um dos seus quatro dias.

Destaca-se que o acompanhamento realizado pelo projeto *Artes Insurgentes*, do qual a equipe de pesquisadoras e pesquisadores faz parte, não é uma observação distanciada. Pelo contrário, conforme Albert (1995) elabora, a participação é observante, em que se desloca o lugar de observador independente da realidade política e social que observa. Acompanhar é colaborar, compor e propor. Assim, como coletivo oriundo da universidade, também nos colocamos nesta intervenção psicossocial, isto é, apostamos na inter(in)venção das processualidades que se insurgem no cotidiano do festival. Essa atuação imbrica atividades de ensino, pesquisa e extensão junto ao que pulsa com as juventudes do território do GBJ, na perspectiva de articulação política, defesa da vida e construção de modos de re-existência, apostando sempre na arte como dispositivo para ação e produção.

É importante salientar que entendemos como intervenção psicossocial uma ruptura à lógica binarista de segmentação entre os campos da Psicologia Clínica, tendo como objeto empírico hegemônico a intervenção individual, e o da Psicologia Social, tendo como objeto os grupos e os coletivos. Acreditamos em uma atuação transformadora da realidade sociopolítica, que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. Intervir é, portanto, colocar-se entre os elementos constitutivos de um campo problemático, subvertendo a hierarquia presente na demarcação entre dois polos: *os de dentro*, que vivem os problemas e impasses; e *os de fora*, que são convocados por, supostamente, deterem saberes-poderes privilegiados, capazes de modificarem, por meio de instrumentos teórico-técnicos próprios, a situação local (Costa et al., 2020).

Nessa perspectiva, os *interventores* comparecem como coadjuvantes de um processo coletivo, em que os sujeitos são considerados os mais capazes de afirmar, a partir de certa colaboração, em que consistem os verdadeiros problemas. Foucault (2003) lembra que eles não precisam “que os ajudemos a ‘tomar consciência’”, pois “a consciência está ali” (p. 4). Eles são os sujeitos da própria experiência, e é na heterogeneidade de diferentes lugares de fala que pesquisadores(as), movimentos sociais e jovens do território dão os devidos contornos aos problemas enfrentados no território, bem como buscam um arsenal de instrumentos para uma “ação possível” (Foucault, 2003, p. 6). Desse modo, intervir é construir espaços de problematização coletiva, somando-se às práticas já existentes de re-existência das juventudes.

Assim, considerando de onde partimos para a elaboração de nossas intervenções, serão apresentadas cenas analisadoras focadas nos quatro eixos temáticos do *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos*, tendo em vista que esses eixos possibilitam pistas do que as juventudes do GBJ narram sobre si mesmas e suas experiências. Esta investigação pretende contribuir para os estudos sobre juventudes e pesquisas participativas, a partir das discussões das vulnerabilidades e re-existências experimentadas por juventudes periféricas. Além disso, busca visibilizar intervenções psicossociais realizadas com/por juventudes periféricas frente às vulnerabilizações e aos modos de criação de outras formas de viver, articulando a educação com a luta política e buscando a garantia de direitos.

¹ A sigla LGBTQIAPN+ refere-se à comunidade de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexuais, *queer*, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais (representadas pelo +) dissidentes da norma cisheteronormativa. Já a LGBTQIAPN+fobia diz respeito às violências e discriminações, individuais, grupais ou institucionais, operadas contra esse grupo.

Percorso metodológico

A realização de uma pesquisa-inter(in)venção com juventudes periféricas

Esta investigação se orientou pela pesquisa-inter(in)venção (Costa et al., 2020). Tal perspectiva se encontra no âmbito das pesquisas participativas em Psicologia Social e se volta “à investigação da diversidade qualitativa da vida de grupos e dos processos de subjetivação, no cotidiano de suas práticas sociais e institucionais” (Costa et al., 2020, p. 20). Ademais, inspira-se na pesquisa-intervenção e no método da cartografia (Passos et al., 2020), propondo-se, a partir de diálogos com autores(as) contracoloniais e feministas, a produzir uma pesquisa que possa não só intervir, mas também inventar, junto aos colaboradores, outros mundos e formas de vida.

Ressaltamos que, além do foco na invenção, a noção de intervenção nesta pesquisa não segue a perspectiva de hierarquização dos saberes, em que o pesquisador, detentor do saber, aplica técnicas e instrumentos para modificar o campo e/ou os pesquisados, tomados como passivos no processo. Pelo contrário, a intervenção acontece na invenção conjunta da pesquisa e na criação dialógica de saberes com os colaboradores. Assim, a noção de intervenção não segue uma abordagem unilateral, trata-se, na verdade, de um processo de compartilhamento e colaboração, uma inter-invenção, que implica reciprocidade, responsabilidade e responsividade entre pesquisadores/as e pesquisados/as (Costa et al., 2020).

Nesta pesquisa, a estratégia metodológica adotada foi a colaboração na construção, no acompanhamento e na relatoria do IV e do V Festival das Juventudes. O Festival das Juventudes é uma tecnologia social de base territorial, criada em 2018, para trabalhar questões envolvendo direitos humanos com jovens a partir de dispositivos artístico-culturais. Trata-se de uma iniciativa protagonizada por coletivos juvenis do GBJ, em especial o Jovens Agentes de Paz (JAP) (Barros et al., 2023), em parceria com laboratórios da Universidade Federal do Ceará, como o VIESES e o LAPSUS.

O festival ocorre, anualmente, em quatro sábados, entre os meses de maio e junho, em equipamentos do território, como o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ) e Centro Cultural Canindezinho (CCC). Essa tecnologia se destina a estudantes de seis escolas públicas de Ensino Médio do território e tem como marca a criação de debates temáticos e oficinas artísticas que se conectem às trajetórias de vida, bem como a experiências cotidianas das juventudes periferizadas, articulando-as ao debate sobre equidade racial, diversidade sexual e de gênero, enfrentamento da violência, garantia de direitos, participação política e resistência periférica.

Metodologicamente, busca-se, no festival, a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes, de modo a promover um espaço de formação política, partilha e experimentação artística. Em sua programação, o festival conta com momentos de performances de artistas periféricos, oficinas artísticas e temáticas, rodas de conversas e visitas a equipamentos culturais.

A realização da pesquisa ocorreu por meio da participação nas reuniões de planejamento, organização e avaliação do festival, nos momentos de divulgação nas escolas e nos quatro dias de execução das duas edições, os quais foram registrados por meio de diários de campo (Medrado et al., 2014). Além disso, o festival é organizado a partir de comissões que distribuem as atribuições e responsabilidades entre os organizadores. Ao compormos a comissão organizadora nos dois anos acompanhados, também participamos da comissão de relatoria (comissão responsável por realizar os registros dos encontros) e facilitamos duas oficinas artísticas, a saber: *Negritudes e Literaturas Periféricas: Fazendo Fanzines*, em 2022, discutida em Sousa Neto et al. (2022); e *Inten(cidades) que nos Habitam: Intervenções Fotográficas em 2023*. Assim, ao colaborar com a construção do festival, e não apenas pesquisá-lo de fora, buscamos radicalizar o caráter participativo da pesquisa-inter(in)venção em contextos de vulnerabilização social.

Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram jovens, principalmente entre 15 e 29 anos, que compuseram a quarta ou a quinta edição do Festival das Juventudes. Eles podiam ser estudantes de uma das seis escolas participantes, artistas oficinairos ou integrantes da comissão organizadora. Acerca do primeiro grupo, em média, 90 estudantes participaram do *IV Festival das Juventudes* e 66 do *V Festival das Juventudes*. Além disso, segundo levantamento realizado no festival de 2023, 72,5% dos estudantes indicaram ser pessoas cisgênero; 56,1% afirmaram pertencer à etnia/raça negra; 60,6%, não heterossexuais; e 4,5% já possuir filhos. Sobre os artistas convidados, cerca de 30 participaram como oficinairos ou palestrantes, bem como apresentaram performances nesses dois anos. Por último, sobre a comissão organizadora, 25 jovens, em média, compuseram a comissão, todos moradores do território do GBJ.

Análise de dados e questões éticas da pesquisa

Segundo Barros e Barros (2013, p. 376), a análise, no método da cartografia, busca “evidenciar, por meio dos analisadores, o processo de produção histórica das instituições, desnaturalizando-as”. Por isso, neste artigo, a análise das materialidades

da pesquisa, mais especificamente, dos diários de campo, evidenciará cenas e episódios dos momentos do festival, tomando os eixos temáticos desta intervenção (*ser jovem, ser livre, ser das áreas e ser agente de paz*) como analisadores (Barros & Barros, 2013) de como as próprias juventudes do GBJ visibilizam e dizibilizam suas experiências e trajetórias.

Quanto aos aspectos éticos, observaram-se os princípios éticos e legais estabelecidos nas Resoluções n.º 466/12 e n.º 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Durante a inserção no campo e a participação nas ações do festival, foram apresentados os objetivos e as justificativas da pesquisa. Vale ressaltar que esta pesquisa integra uma pesquisa guarda-chuva submetida ao Comitê de Ética, aprovada conforme Parecer n.º 5.187.324.

Resultados e Discussão

Durante o Festival das Juventudes, diversos artistas participam, por meio de falas, performances e compartilhamento de experiências, de rodas de conversa no *Momento das Ideias* com os estudantes. Em um desses momentos, Luiza (nome fictício), travesti, preta, periférica, integrante do coletivo *Gueto Queen*, brincante do Maracatu Nação Bom Jardim, produtora cultural e multiartista enuncia: “Por que colocamos ‘Festival das Juventudes’ no plural? Porque a gente entende que essa juventude não é singular; ela tem diversas formas de ser, de estar, de existir e de re-existir” (Diário de Campo, 07/05/2022).

Por que *juventude* com *s* no final? O primeiro eixo do festival, intitulado *ser jovem*, reúne discussões e atividades em torno do entendimento de que há diferentes formas de ser jovem na atualidade. Essa compreensão se articula às discussões sobre juventudes de autores e autoras do campo da Psicologia Social (Miranda et al., 2021; Calais & Perucchi, 2018; Barros, 2019; Paiva et al., 2019) e da Sociologia (Marinho, 2019; Diógenes, 1998, 2020; Bezerra et al., 2022), que, ao abordarem experiências juvenis, entendem essa categoria como um campo multifacetado e ambíguo de significações, que vai além de definições geracionais ou etárias, constituindo-se em meio a uma multiplicidade de pertencimentos, sejam eles culturais, sejam eles territoriais, raciais, de classe, de gênero, entre outros.

Segundo Diógenes (1998, p. 93), “É tecida em um terreno de constantes transformações”, desse modo, pesquisar e intervir com juventudes implica um esforço de considerar seus pertencimentos, seus campos de interação, suas trajetórias e experiências, estando-se sempre atento a essa heterogeneidade. Direciona-se o olhar às juventudes, não mais sob um prisma da representação, mas como sujeitos atuantes e implicados em seus cotidianos (Miranda et al., 2021). Além disso, como pontuado anteriormente, as juventudes do festival são negras, periféricas e LGBTQIAPN+, as quais são assoladas pelo recrudescimento das desigualdades e das violências do sistema moderno-colonial (Barros, 2019).

De acordo com Mbembe (2018, p. 152), trata-se das “formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”, isto é, de processos históricos de silenciamento, de invisibilização e de extermínio das juventudes, em sua maioria, negra e pobre. Essa realidade foi notada por uma das estudantes, que, após a apresentação de uma esquete teatral realizada pelo seu grupo durante uma dinâmica que visava discutir sobre *ser jovem*, assim afirmou, conforme fala transcrita a seguir:

[...] luta contra a desigualdade e o preconceito racial. Pelo jeito de vestir, pelo jeito de ser [...] Pela sua cor te criticam, te criticam até não mais poder. Esse é o lado ruim da periferia, passamos por lutas todos os dias. Tem também seu lado bom. A parte boa de ser daqui, a cada dia que passa, cada vez mais você sorri (Diário de Campo, 07/05/2022).

Desse modo, Paiva et al. (2019) situam que, a depender dos marcadores sociais que os atravessam, os segmentos juvenis são classificados e colocados em posições antagônicas, separados daqueles que são considerados detentores de direitos na sociedade, e, por isso, devem ser protegidos pelo Estado, além de serem taxados como aqueles que devem ser eliminados, por serem vistos como um risco à ordem social. Corroborando essas reflexões, Barros (2019) aponta que a criminalização de determinadas juventudes produz condições de aceitabilidade social e catalisa a adesão subjetiva ao extermínio, físico e simbólico de, principalmente, jovens negros e moradores de territórios periféricos da cidade.

Em meio a tantas políticas de mortificação, é uma juventude em movimento, que se fortalece, mobiliza-se e revoluciona. Ser jovem periférico, negro, LGBTQIAPN+ é encontrar na luta a possibilidade de enfrentamento e de resistência a tantas e sistemáticas violências, conforme pontuado por Luiza, mais à frente, na sua fala durante o *Momento das Ideias* no IV Festival: “Ser jovem, hoje, numa periferia, sobretudo, é entender que somos sujeitos e sujeitas de direito. Direito à saúde, direito à educação, direito a ir e vir, direito a frequentar espaços públicos, ir num *reggae* na praça, encontrar a galera” (Diário de Campo, 07/05/2022).

Nessa luta por direitos, incluindo o direito de ser e de existir, as múltiplas juventudes encontram, na arte, um potencial de expressão de distintos e inúmeros modos de vida. São jovens artistas que transgridem e rompem a lógica colonial, funcionando como instrumento, nesse confronto estrutural das amarras coloniais. Além disso, são orientados por um outro senso ético-estético-político, conforme pontuado por uma das artistas que recitou poesias autorais na abertura do IV Festival das Juventudes:

Que a arte que sai da minha boca
genocida ela vai derrubar
Tenho meus punhos cerrados

uma voz que grita alto “meus direitos vou buscar”
 Nesta terra quero plantar
 Plantar arte de cura, plantar a nossa bravura
 Para que os futuros saibam o que é a nossa cultura
 A favela vive e sempre viverá
 Tá aí uma coisa que eu quero é ver tentarem acabar
 Pois cearense preto e favelado não é besta
 E tem punho de aço
 Nessa batalha, meu caderno é meu escudo e meu lápis é minha espada
 Tu acha que eu vou mesmo ligar para a sua cara de incomodada?
 Vou mandar um papo reto: se não aguenta com os plays, não mexe com quem tá quieto (Diário de Campo, 07/05/2022).

Na poesia, recitada no dia do eixo *ser jovem*, em 2022, a arte foi ressaltada como instrumento de luta e produção de vida. Assim, podemos refletir que esses segmentos juvenis produzem, a partir da arte, pensamentos de *fronteira* – aqueles que, segundo Grosfoguel (2008), surgem em meio ao que é negligenciado e silenciado no sistema mundo moderno-colonial, fogem e negam os discursos hegemônicos de poder. Esses pensamentos são um dos mecanismos de enfrentamento às desigualdades e violências da modernidade, formando uma resposta crítica, com novas formas de participação e resistência social, as quais criam respostas epistêmicas dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade (Grosfoguel, 2008).

Portanto, a partir do eixo temático *ser jovem*, o festival possibilitou a visibilização e a dizibilização de experiências e trajetórias juvenis que apontam sua pluralidade e dimensão interseccional. A intervenção produziu, assim, um importante efeito de ruptura com uma lógica homogeneizante, essencialista, branca e cisheteronormativa do que é *ser jovem* e, até mesmo, do que é *ser jovem de periferia*. Dessa forma, o festival apresentou-se como uma intervenção potente para sustentar, a partir das narrativas das próprias juventudes do GBJ, a necessidade de olhar para os segmentos juvenis a partir de suas pluralidades, para a intersecção de marcadores raciais, de classe, gênero, de seus diferentes campos de interação, de suas múltiplas dimensões políticas e de formas de ocupação da cidade (Marinho, 2019; Barros, 2019; Diógenes, 2020; Lanna & Calais, 2020; Bezerra et al., 2022). Ademais, o festival convocou políticas públicas e universidades a implicarem-se num exercício contínuo para desconstruir as lógicas hierárquicas engendradas pelo modelo adultocêntrico, um dos traços da colonialidade, o qual produz processos de tutela, controle e silenciamento sobre as práticas e vivências juvenis (Calais & Perucchi, 2018).

O segundo eixo temático do festival, *ser jovem agente de paz*, reuniu atividades e debates acerca das estratégias de enfrentamento às violências físicas e simbólicas que assolam as juventudes do território. Sobre isso, bem como acerca da definição de paz, uma convidada para o *Momento das Ideias* desse eixo, no V Festival das Juventudes, refletiu, em sua fala, sobre o conceito de paz ser relativo para os diferentes grupos sociais. Isso ocorre, principalmente, quando o conceito está associado à reivindicação de mais policiamento e à defesa da maioria penal para adolescentes de 16 anos, como recursos de combate à violência urbana, visto que as maiores vítimas de violência policial são as juventudes negras e periféricas (Ramos et al., 2021):

Maria (nome fictício) afirma que a periferia precisa lutar pela paz que deseja, já que esta é diferente da paz desejada pelos moradores dos bairros centrais: “Nosso sossego é o desespero deles. O sossego deles é o nosso desespero”. Por fim, ela ainda aponta a importância de espaços como o Festival, que possibilitam o encontro entre juventudes para pensar sobre diversas temáticas, inclusive sobre cultura de paz: “com vocês, a gente constrói paz” (Diário de Campo, 15/05/2023).

Nesse sentido, nesse eixo, problematizou-se tanto a cultura de paz vigente nas políticas governamentais de segurança quanto a própria construção da violência que aparece sob a retórica de pacificação, sobretudo por meio de políticas de segurança pública, que reproduzem a associação de periculosidade às juventudes negras e periféricas. Acerca da construção da violência no Brasil e dos desafios impostos à Psicologia no atual cenário, Barros et al. (2019) apontam que os elevados índices de homicídio e o encarceramento em massa da população negra e de áreas periféricas dos grandes centros urbanos configuram-se como a máxima expressão da intrincada rede de violências perpetradas pela colonialidade. Para Quijano (2010), um dos elementos constitutivos da modernidade é a colonialidade, a qual se fundamenta na criação de assimetrias de poder, que, por sua vez, são ficcionadas e justificadas pela naturalização das hierarquias raciais, epistêmicas, territoriais, de gênero e culturais (Lugones, 2014; Pereira, 2017). Um dos sustentáculos da colonialidade, portanto, é o racismo.

Segundo Almeida (2019, p. 15), o “racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social” na modernidade. Corroborando essa argumentação, Mbembe irá considerar o racismo como o principal motor da necropolítica, uma tecnologia de poder que se produz por meio da instauração de um permanente estado de exceção e de uma ficcionalização de um inimigo, acionando uma complexa maquinaria simbólica, política, econômica e estética direcionada à aniquilação das consideradas descartáveis (Mbembe, 2018; Benício et al., 2018; Colaço et al., 2021). Ainda, Barros (2019) considera o conceito de necropolítica como indispensável para operar sobre as

tecnologias mortíferas e criminalizantes que recaem sobre as periferias, já que essa lógica dá subsídio à ficcionalização da figura do inimigo a ser combatido.

Em contraposição a essas lógicas moderno-coloniais de extermínio, subalternização e precarização das vidas que se instalam nos territórios, tanto a partir das problemáticas que envolvem a violência urbana como por meio das respostas belicosas por parte do poder público, os corpos que compõem o Festival das Juventudes, em suas proposições artísticas, têm pautado a periferia como um lugar de resistência, de criação e de potência. Uma das dinâmicas propostas no festival foi uma apresentação artística sobre a temática de *ser agente de paz*. Assim, um grupo de jovens colocou em pauta o enfrentamento ao racismo e à violência policial a partir de um esquete teatral:

A esquete é formada por duas cenas. Na primeira, estudantes estão em uma sala de aula. Uma das alunas começa a ser alvo de piadas racistas, principalmente relacionadas ao seu cabelo [...]. Na cena seguinte, todas estão saindo da escola. Um pequeno grupo, que dentre eles está a aluna vítima da cena anterior, é parado por policiais e revistado. A abordagem é truculenta, invasiva. Quando a menina se recusa a ser revistada por um homem, os policiais a ignoram e a empurram para a parede, até que os outros alunos chegam filmando a abordagem, afirmando que irão denunciá-los. No final, o segundo grupo acolhe o primeiro, e as agressoras do segundo grupo pedem desculpas à menina agredida na primeira cena. No final, a equipe faz uma fala e relaciona a apresentação a realidade das juventudes periféricas, destacando que a experiência do racismo é algo cotidiano em seus bairros. Por último, enfatizam o desejo da juventude por paz, expressão e liberdade (Diário de Campo, 21/05/2022).

Portanto, nos dias dedicados à discussão sobre *ser agente de paz*, os jovens foram convocados a pensar criticamente acerca das imagens e representações que recaem sobre suas experiências inseridas nas juventudes periféricas. Além disso, por meio de suas experimentações artísticas, foram incentivados a propor outras imagens que contrapusessem a narrativa colonial. Com isso, os participantes raciocinaram sobre ações que fortalecem a cultura de paz em seus territórios, não de uma forma que sufoca os conflitos em suas experiências, em prol de uma *paz a qualquer custo*, mas, sim, evidenciando suas vivências e sustentando os conflitos que os atravessavam. Sendo assim, essa noção de paz é menos uma visão moralista e cristã, e mais um entendimento ético-político, apontando para as resistências e alianças que ocorrem nos territórios (Freitas & Sousa, 2022; Butler, 2018).

Portanto, ao falarem sobre suas trajetórias e experiências a partir do eixo temático *ser agente de paz*, a que *paz* as juventudes participantes do festival estão se referindo e a que perspectiva de *paz* estão se contrapondo? *Ser agente de paz*, nesse contexto, sinaliza para a ruptura com as violências necropolíticas e as violações de direitos que a colonialidade insiste em perpetuar, inclusive sob a retórica da *pacificação*. Assim, a intervenção proposta pelo festival incide na desconstrução de concepções e práticas belicistas, militarizadas e punitivo-penais de combate à violência, as quais incorrem na criminalização, no encarceramento em massa e no extermínio de juventudes negras e periféricas (Benício et al., 2018).

Por sua vez, o terceiro eixo, denominado *ser livre*, visou propor espaços de discussão para articulação das juventudes e para a tomada do protagonismo delas nas lutas e nos ativismos em suas escolas e comunidades. Conforme pontuado por Luana (nome fictício), convidada do *Momento das Ideias* desse eixo no V Festival das Juventudes, *ser livre* envolve um exercício em busca da libertação, o qual passa pela conscientização social, pela luta política e pela formação de alianças: “Não precisamos correr sozinhos. Precisamos construir processos que façam sentido para a nossa realidade. Por isso, precisamos pensar coletivamente. E se não deixarem a gente falar, a gente vai gritar” (Diário de Campo, 27/05/2023).

Ao colocar a liberdade na dimensão da luta política e desnaturalizá-la, Luana apontou para um entendimento de *ser livre* diferente daquele sustentado por lógicas neoliberais e meritocráticas, de que, supostamente, a liberdade seria concedida pelo Estado e acessível a todos; ela dimensionou *ser livre* a um processo de conquista, o qual só é possível por meio da luta coletiva. Essa concepção se aproxima das discussões levantadas por Angela Davis (2018; 2022) quanto à liberdade, que precisa ser conquistada pela tomada e pela ocupação dos espaços de poder, bem como pela construção de outros caminhos, mais participativos e transformadores, com novas abordagens de pensamento e formas de vida.

Além disso, outro ponto importante sobre a ideia de liberdade nesse eixo é o de que ela não é algo individual, mas um processo coletivo de luta, conforme Luana ressaltou no trecho anterior. Acerca desse ponto, o trecho a seguir detalha um pouco mais da fala da convidada e do seu entendimento sobre a articulação entre liberdade e coletividade:

Luana, então, iniciou uma dinâmica pedindo para que todo mundo batesse o dedo indicador repetidas vezes e observasse o som proveniente desse encontro. Depois, pediu que mais um dedo fosse incluído no movimento. Em seguida, mais outro e outro, até que o barulho fosse bem mais alto. Quando todos já batiam os cinco dedos, ela pediu para que novamente voltássemos ao movimento de apenas um. Luana continuou com as instruções, aumentando e diminuindo o número de dedos, até que perguntou: “Qual som é mais alto?”. [...] a partir da dinâmica, ela traz a reflexão que assim como mais dedos fazem um barulho mais alto e se tornam mais fortes, a coletividade também: “Principalmente em determinados espaços precisamos estar em coletivo, se não somos esmagados” (Diário de Campo, 27/05/2023).

Nesse sentido, no processo de produção dos singulares modos de ser, essas juventudes apostam em uma pungência do coletivo que extravasa a simples noção de liberdade como uma permissividade autocentrada. *Ser livre*, nesse contexto,

é ser livre no território, ser livre em coletivo, ser livre produzindo outras narrativas, outras cosmovisões e existências em rede. Resistência e coletividade, aqui, confluem para uma dimensão politizada da liberdade, em que a expressão plena da potência de si acontece com os outros que nos inspiram, com os quais produzimos alianças. Dessa forma, as discussões referentes ao eixo *ser livre* seguem a perspectiva de desnaturalização da ideia de liberdade, bem como do fomento e do estímulo ao engajamento social e político dos estudantes, situando as juventudes nas lutas e articulações comunitárias presentes no GBJ e na cidade.

Conforme situa Rolnik (2018), o ativismo das juventudes, mormente aquelas localizadas no Sul Global, não se restringe a uma luta por igualdade de direitos, mas se expande “micropoliticamente, para a afirmação de um outro direito que engloba todos os demais: o direito de existir ou, mais precisamente, o direito à vida em sua essência de potência criadora” (p. 24). Em síntese, além de uma simples reatividade à ordem vigente, a resistência se retira de uma posição negativa, relativa à opressão da qual se opõe, e, simultaneamente, subalterniza-se, para entrar em uma posição ativa, positiva e produtora, direcionando esforços para os campos produtivo e fabulativo.

A partir dessa concepção de liberdade gestada no festival, é possível estabelecer diálogos com a noção de re-existência de Albán Achinte (2017), segundo a qual o movimento de resistência à colonialidade não se restringe à simples reação e à oposição aos dispositivos e tecnologias do colonizador. Na construção de seu pensamento, re-existir implica, em contrapartida, a produção, por grupos humanos, de práticas coletivas que atuam como estratégia de visibilização das opressões e de ressignificação da vida em condições de dignidade, contrapondo o contexto moderno-colonial (Albán Achinte, 2017; Voss & Peloso, 2021). Em outras palavras, re-existir é uma práxis libertadora e decolonial, pois se contrapõe ao projeto hegemônico eurocêntrico, a partir da interpelação de discursos e tecnologias de controle que sustentam as relações de poder que produzem processos de invisibilização e desumanização, com vistas a transformá-las (Albán Achinte, 2017).

Assim, a partir do eixo *ser livre*, o festival desconstruiu a noção de liberdade individualista e neoliberal, reposicionando-a numa perspectiva coletiva e libertadora. *Ser livre*, então, relaciona-se com a ocupação de espaços e com a luta por reconhecimento, bem como por direitos a partir da formação de alianças sociais, políticas e afetivas. Desse modo, ao pautar sobre *ser livre*, articulando esse entendimento às experiências das juventudes do festival, a intervenção atua no sentido de fomentar e incentivar práticas de re-existência juvenis.

O quarto eixo do festival, intitulado *ser das áreas*, intentou problematizar os desafios impostos cotidianamente às juventudes moradoras da periferia, assim como pensar e construir, de forma coletiva, estratégias de enfrentamento a tais problemáticas, por meio da criação de alianças e da ocupação de espaços físicos e simbólicos – de poder – no território e fora dele. Nesse sentido, a programação desse dia se voltou a refletir novamente sobre as experiências juvenis, destacando o marcador social do território em seus relatos e suas apresentações artísticas.

Muitas vezes, quando estamos ocupando espaços, dentro de ônibus, no supermercado, andando na rua, muitas vezes, somos tratados como diferença, porque temos uma forma de vestir. As pessoas acham que devem passar longe da gente na rua, porque possivelmente a gente possa vir a assaltá-las. Ou nós, pessoas pretas, no shopping, temos a infeliz vivência de sermos perseguidas (Diário de Campo, 17/06/2023).

Conforme o trecho do Diário de Campo acima, que retrata a fala de uma convidada do *Momento das Ideias* no festival, a experiência de ser um jovem da periferia é perpassada por diversos estigmas e variadas discriminações, os quais constroem essas juventudes como perigosas (Barros, 2019). Essa experiência, ao ser entrecruzada com outros marcadores sociais da diferença, como raça, etnia, gênero, sexualidade e classe, produz territórios existenciais que conjugam vivências de preconceito, violência e resistência. Assim, nesse eixo, uma concepção relevante é a de *território*, que, para as juventudes que produzem o festival, vai além do espaço físico em que estão inseridas.

Para pensar sobre esse conceito, os estudos de Lanna e Calais (2020) e Hüning e Gomes (2019), da Psicologia, Favaro et al. (2021), da Geografia, e Diógenes (2020), da Sociologia, definem o território não apenas como um espaço geográfico, mas entendem que eles também são compostos por um campo de forças e relações sociais, os quais criam “territórios existenciais” (Guattari, 2006). O território, assim compreendido, seria uma interseção de diversas linhas (maleáveis, duras ou de fuga), as quais agenciam tanto opressões quanto resistências que permeiam as experiências das pessoas que o ocupam (Hüning & Gomes, 2021; Lanna & Calais, 2020).

Nessa ótica, abordar a temática de territórios implica considerá-los envolvidos na formação de modos de subjetivação na contemporaneidade (Guattari, 2006; Hüning & Gomes, 2019). De acordo com Hüning e Gomes (2019), ao examinar as dinâmicas territoriais e os processos de subjetivação, assim como as políticas que regem a vida e a morte nas cidades, torna-se fundamental compreender quais corpos são aceitos e têm permissão de habitar e de circular nesses espaços, assim como quais são relegados à condição de estranhos, perigosos e desimportantes.

Contudo, nesse dia, não foram apenas ressaltadas as precariedades, vulnerabilizações e opressões que atravessam a vivência das juventudes periféricas, mas também a potência de ser da margem. Segundo uma das convidadas do *Momento das Ideias* desse eixo, é necessário desconstruir a visão de que ser da periferia é apenas sofrimento: “Eles esquecem que, na verdade, nós estamos aqui todos os dias não só sobrevivendo, mas produzindo vida. Todo dia disputamos a vida” (Diário

de Campo, 17/06/2023). Além das falas terem orbitado sob essa perspectiva, *ser das áreas* também se apresenta como potência, em razão de ter ocorrido, nesse dia, uma programação repleta de performances de artistas do território, produzindo outras formas de pensar e de definir o que é ser de periferia, afirmando modos distintos de existência.

Outro ponto de destaque sobre esse eixo é o festival ter adquirido um caráter itinerante, passeando por outros equipamentos do território, como o CCBJ, o CCC e o MSMBJ. Visitar esses equipamentos, apesar das dificuldades por conta dos conflitos territoriais, faz parte da aposta, sintetizada por uma das organizadoras do festival, em fala realizada no CCBJ e transcrita no trecho a seguir, de exaltar aquilo que a mídia hegemônica não mostra sobre o GBJ: “É preciso conhecer as belezas do território. Tragédia já vemos todo dia na mídia. [...] A mídia não mostra as belezas daqui” (Diário de Campo, 18/06/2022).

O *conhecer*, nesse contexto, não se refere a uma exploração superficial do ambiente, mas a um exercício de apropriação, ocupação e desconstrução de imagens negativas e estigmatizantes sobre o território, já que nesse dia também foram lembradas e exaltadas as lutas populares que envolveram a criação e a manutenção de tais equipamentos, pois, como dito por outra convidada: “A cultura só vem (para a periferia) com muito suor. Por que temos que lutar bem mais pelo acesso à cultura enquanto que nas áreas mais centrais ela é fornecida de graça? É uma corrida desigual” (Diário de Campo, 18/06/2022). Assim, no reforço sobre as dificuldades e lutas que envolveram/envolvem a implementação e a manutenção desses equipamentos, preconizou-se que essa ida aos espaços possa estimular essas juventudes a ocuparem e a se unirem à preservação deles no território.

Dessa forma, a aposta de visitar esses equipamentos tem o intuito não só de divulgar que esses espaços existem, mas também de visibilizar as possibilidades por eles oferecidas, as lutas que envolvem a sua manutenção, os corpos que lá habitam e constroem o espaço, os artistas que neles encenam suas artes. A beleza não está nas suas paredes, mas em tudo o que envolve e envolve a sua construção, o que se cria naquele chão. Contudo, não se busca seguir por uma perspectiva de romantização da escassez e da resistência popular, conforme a convidada do trecho anterior reforçou mais à frente em sua fala, mas, a partir da rememoração dela, é possível apontar as potencialidades do território e a necessidade de continuar lutando por ele.

Nesse exercício, *ser das áreas* se contrapõe às visões estigmatizantes do território, que resumem o GBJ à falta, à opressão e à violência, deslocando-se para o entendimento da região como potencialidade e vida. Assim, a intervenção, nesse eixo, constitui-se como uma aposta na desconstrução das narrativas estigmatizantes do território (Bezerra, 2015), focando nas potências criativas e na diversidade artístico-cultural da região, bem como nas articulações possíveis entre os bairros e equipamentos, lógica essa contrária às fragmentações e às limitações ocasionadas pelos conflitos territoriais.

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo analisar o *Festival das Juventudes: Arte, Cultura e Direitos Humanos* como uma intervenção psicossocial. Assim, os resultados apontam para como, a partir dos eixos *ser jovem*, *ser agente de paz*, *ser livre* e *ser das áreas*, as juventudes enfocam suas experiências e trajetórias e, por elas mesmas, produzem, reelaboram e expandem sentidos sobre o que é ser jovem, sobre a luta por paz e por liberdade, bem como sobre a relação das juventudes com os territórios. Para isso, a intervenção aposta na articulação entre diversos coletivos juvenis e escolas, entre universidade e comunidade, tendo a arte como elemento possibilitador de tensões e redimensionamentos, que expandem os sentidos sobre *ser jovem*, *ser agente de paz*, *ser livre* e *ser das áreas*.

A partir dos eixos *ser jovem*, *ser agente de paz*, *ser livre* e *ser das áreas*, o festival aponta caminhos importantes para a análise das juventudes desde: 1) o prisma da multiplicidade, considerando aspectos multidimensionais e interseccionais das vivências juvenis; 2) as concepções contracoloniais acerca da paz, entendendo-a menos como um processo militarizante, que encerra a qualquer custo as conflitualidades, e mais como a garantia de direitos e a promoção de justiça; 3) os sentidos coletivos atribuídos à luta pela liberdade, abrindo mão das visões individualistas e neoliberais; e 4) as relações estabelecidas entre os/as/es jovens e seus territórios, aqui entendidos como espaços de potência, de diversidade, de criação e vida, escapando das narrativas coloniais estigmatizantes.

Ao proporcionar problematizações e regimes insurgentes de visibilidade e dizibilidade sobre experiências e trajetórias juvenis do GBJ, o festival, na condição de intervenção psicossocial que se propõe a trabalhar direitos humanos por meio de dispositivos artísticos a partir do encontro de diversas juventudes, fornece relevantes pistas à descolonização de pesquisas e práticas junto a juventudes. Isso geralmente ocorre em contextos de vulnerabilização social, visto que desloca sentidos sobre juventude, paz, liberdade e periferia produzidos pela colonialidade.

Referências

- Albán Achinte, A. (2017). *Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. Del Signo.
- Albert, B. (1995). “‘Anthropologie appliquée’ ou ‘anthropologie impliquée’? Ethnographie, minorités et développement”. In J. F. Baré (Ed.), *Les applications de l’anthropologie. Un essai de réflexion à partir de la France* (pp. 87-118). Karthala.

- Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural*. Pólen.
- Barros, J. P. P. (2019). Juventudes desimportantes: a produção psicossocial do “envolvido” como emblema de uma necropolítica no Brasil. In V. Colaço, I. Germano, L. L. Miranda & J. P. P. Barros (Orgs), *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos* (pp. 209-238). Expressão Gráfica e Editora.
- Barros, J. P. P., Benício, L. F. S., & Bicalho, P. P. G. (2019). Violências no Brasil: que problemas e desafios se colocam à Psicologia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe2), 33-44. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225580>
- Barros, J. P. P., Gomes, C. J. A., Gondim, G. C. L. F., Bezerra, M. A., & Calais, L. B. (2023). Festival das Juventudes: re-existências periféricas durante a pandemia da Covid-19. *Psicologia Argumento*, 41(112), 2753-2777. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.41.112.ao03>
- Barros, L. M. R., & Barros, M. E. B. (2013). O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(2), 373-390. https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200010_
- Benício, L. F. S., Barros, J. P. P., Rodrigues, J. S., Silva, D. B., Leonardo, C. S., & Costa, A. F. (2018). Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(spe2), 192-207. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212908>
- Bezerra, L. M. P. S. (2015). *Pobreza e lugar(es) nas margens urbanas: lutas de classificação em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/16654>
- Bezerra, L. M. P. S., Dias, B. B. E., Silva, L. K. & Valentim, R. R. (2022). Juventude(s) plurais: vozes juvenis de (re) existências no Grande Bom Jardim. In H. J. G. P. Ferreira (Org.), *A cultura em perspectiva multidisciplinar* (pp. 99-120). Atena Editora.
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Civilização Brasileira.
- Calais, L. B., & Perucchi, J. (2018). Entre o protagonismo juvenil e a tutela da juventude: possibilidades da participação e subjetivação política. In J. Del Gobo (Org.), *A psicologia frente ao contexto contemporâneo* (pp. 109-124). Atena Editora.
- Costa, E. A. G. A., Moura, J. F., Junior, & Barros, J. P. P. (2020). Pesquisar n(as) margens: especificidades da pesquisa em contextos periféricos. In E. Cerqueira-Santos & L. F. Araújo (Org.), *Metodologias e Investigações no Campo da Exclusão Social* (pp. 13-31). EDUFPI.
- Colaço, V. F. R., Quixadá, L. M., Menezes, J. A., Cavalcante, A. J. L., & Sousa, R. N. (2021). Aproximações do Campo-tema Juventude e Violência na Periferia de Fortaleza. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 474-493. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.61052>
- Davis, A. (2018). *A Liberdade é uma luta constante*. Boitempo Editorial.
- Davis, A. (2022). *O sentido da liberdade e outros diálogos difíceis*. Boitempo Editorial.
- Diógenes, G. M. S. (1998). *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/4060>
- Diógenes, G. M. S. (2020). Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia. *Estudos Avançados*, 34(99), 373-390. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.022>
- Favaro, J., Ramos, J. D. D., & Corona, H. (2021). Territorialidades múltiplas e modos de re-existência entre coletivos afroreligiosos. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8(17), 201-216. <http://doi.org/10.48074/aceno.v8i17.12281>

- Foucault, M. (2003). *Ditos e Escritos: estratégia, poder-saber* (3a ed., Vol. 4). Forense Universitária.
- Freitas, I. R., & Sousa, R. V. (2022). Coletivizando Resistências com Jovens Agentes de Paz. In C. J. A. Gomes, I. R. Freitas, J. P. P. Barros, L. T. L. Gonçalves, L. F. Cavalcante, L. F. Nunes, L. L. Miranda, M. R. N. Soares, M. A. Bezerra, R. C. Sousa Neto, & T. L. Lavor Filho (Org.), *Artes Insurgentes: coletivizando resistências* (pp. 95-96). Quipá Editora.
- Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 115-147. <https://doi.org/10.4000/rccs.697>
- Guatarri, F. (2006). *Caosmose: Um novo paradigma estético*. Editora 34.
- Hüning, S. M. & Gomes, C. A. R. (2019). A Pesquisa-experiência na Psicologia: Corpos, Afetos e Experiências em Territórios Urbanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe2), 100-111. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225540>
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. (2021). *Anuário do Ceará 2021-2022*. IPECE. <https://www.anuariodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>
- Lanna, P. A. A., & Calais, L. B. (2020). Cidades, territórios e juventudes: práticas e sentidos sobre pertencimento, juventude e periferia. *Revista Psicologia Política*, 20(48), 402-416. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7818639>
- Lugones, M. (2014). Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22(3), 935-952. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>
- Marinho, C. H. (2019). Trajetórias juvenis e lutas por reconhecimento: quando ser jovem é um grande risco. In V. Colaço, I. Germano, L. L. Miranda & J. P. P. Barros (Orgs.), *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos* (pp. 239-255). Expressão Gráfica e Editora.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. N-1 Edições.
- Medrado, B., Spink, M. J. P., & Mélo, R. P. (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In M. J. P. Spink, J. I. M. Brigagão, V. L. V. Nascimento, & M. P. Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas* (pp. 274-294). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Miranda, L. L., Barros, J. P. P., Gondim, G. C. L. F., Bezerra, M. A., Gomes, C. J. A., Cavalcante, L. F., Nunes, L. F., Gonçalves, L. T. L., Soares, M. R. N., Freitas, I. R., & Lavor Filho, T. L. (2021). Artes Insurgentes: coletivizando resistências no festival das juventudes do Grande Bom Jardim. In A. S. Gomes Filho, I. B. Ribeiro, T. L. Lavor Filho & M. E. A. G. Pacheco (Org.), *Debates contemporâneos em psicologia* (pp. 71-82). Quipá Editora.
- Paiva, I. L., Oliveira, M. C. S. L., & Colaço, V. F. R. (2019). Adolescentes em Conflito com a Lei: entre o prescrito legal e a prática social. In V. Colaço, I. Germano, L. L. Miranda & J. P. P. Barros (Orgs.), *Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos* (pp. 177-208). Expressão Gráfica e Editora.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (2020). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Editora Sulina.
- Pereira, E. A. D. (2017). Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais. *Terra Livre*, 2(43), 17-55. https://doi.org/10.62516/terra_livre.2014.615
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. (2023). *Relatório de desenvolvimento humano 2023-2024*. PNUD. <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2023-24overviewpt.pdf>
- Quijano, A. (2010). Colonialidade do poder e classificação social. In B. S. Santos, & M. P. Meneses, *Epistemologias do Sul* (pp. 73-118). Editora Almedina.

- Ramos, S., Gonçalves, J. F., Ribeiro, D., Nunes, P., Silva, P. P., Sotero, B., Lins, A. L., Moura, R., Santana, L., Celeste, D., Jatobá, E., Manso, B. P., Ribeiro, F., Pacheco, J., Cafuso, R., Pinheiro, A., Barreira, C., Bandeira, M., Brito, M., ... Barbosa, M. C. (2021). *Pele-alvo: a cor da violência policial*. CESeC. <https://cesecseguranca.com.br/livro/pele-alvo-a-cor-da-violencia-policial/>
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. N-1 Edições.
- Silva, D. B., Barros, J. P. P., Benício, L. F. S., Gomes, C. J. A. & Bertini, L. M. (2023). Alianças entre coletivos LGBTQIA+: articulações e re-existências em periferias de Fortaleza. *Revista Periódicus*, 1(19), 99-122. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i19.52846>
- Sousa, R. C., Neto, Nunes, L. F., Soares, M. R. N., Gomes, C. J. A., Gonçalves, L. T. L., Freitas, I. R., Barros, J. P. P., & Miranda, L. L. (2022). Juventudes negras de escolas públicas de periferias de Fortaleza: narrativas e re-existência frente ao racismo. *Desidades*, (34), 53-72. <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i34.53010>
- Voss, G. C., & Peloso, F. C. (2021). De(s)colonial artístico como potencialidade de recriação de mundos: lugares de re-existir e re-pensar a si. *PerCursos*, 22(50), 43-64. <https://doi.org/10.5965/1984724622502021043>

Como citar:

Gomes, C. J. A., Barros, J. P. P., Soares, M. R. N., Araújo, L. F. C., Sousa, R. C., Neto, & Miranda, L. L. (2025). Festival das Juventudes: Inter(in)venções psicossociais com juventudes no Grande Bom Jardim. *Revista Subjetividades*, 25(Esp.), e15096. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e15096>

Endereço para correspondência:

Carla Jéssica de Araújo Gomes
E-mail: carlajessicagomes@alu.ufc.br

João Paulo Pereira Barros
E-mail: joaopaulobarros@ufc.br

Mayara Ruth Nishiyama Soares
E-mail: mayararnishiyama@gmail.com

Levi de Freitas Costa Araújo
E-mail: leviprofpsi24@gmail.com

Raimundo Cirilo de Sousa Neto
E-mail: xrcirilo@gmail.com

Luciana Lobo Miranda
E-mail: luciana.miranda@ufc.br



Recebido em: 16/03/2024.

Aceito em: 15/08/2025.